

Educação e religião com eles e não para eles: a importância do outro no cotidiano

Lilia Dinelli¹

Resumo: Este estudo busca apresentar uma discussão entre a finalidade da religião e a educação, fundamentado na importância do pensamento, afeto e vontade (*sonen*), para a transformação do homem contemporâneo, para o bem ou para o mal.

Palavras chave: Educação. religião. o outro. Meishu-Sama.

Education and Religion: facing the other in everyday life

Abstract: This article discusses the aims of religion and education, based on the importance of thinking, affection and will (*sonen*) in order to transform (for better or worse) contemporary man.

Keywords: Education. religion. the other. Meishu-Sama.

“Amar e ajudar um companheiro constitui verdadeira religião e verdadeiro amor à vida”.
“O respeito à igualdade de direito dos outros conduz à verdadeira liberdade e à verdadeira felicidade”.
Meishu-Sama

Enquanto a educação permanece estagnada nos padrões de séculos anteriores, torna-se difícil acreditar em grandes alterações e marcos de mudança radical no comportamento da sociedade. Acreditar que com iguais atitudes, obtém-se resultados diferentes é pura ilusão. A crença em resultados diferentes tem início com decisões de comportamento e atitudes diferentes.

Ao se falar em educação, pode-se acreditar ou confundir com critérios de conhecimento utilizados dentro de salas de aula. Nesses espaços, o que se tem feito é transferir informação; locais onde o indivíduo, que está na posição de instruir, acredite ser o detentor do conhecimento e considerar tudo que não é ele, um pote vazio, depositando o que pensa saber. Paulo Freire diz:

Aquela (Pedagogia) que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará”.
(1970: p. 32)

Ele apresenta a ideia de um grito de liberdade; liberdade de pensar, sentir, ver, agir, reagir. Um grito que possui características de poder se libertar da opressão e ao invés de pensar ter, pensar ser, Humano.

¹ Mestre em Ciências da Religião: Universidade Metodista de São Paulo. Professora da Fac. Messiânica.

Todavia, Freire diz não ser bem assim que esse processo de desejo de liberdade se manifesta. Segundo ele, a primeira forma a se apresentar é a descoberta de um homem que tem dentro de si; uma outra existência, inconsciente, semelhante ao seu opressor, capaz de produzir todos os sintomas deste. Seu comportamento e atitude são aparentemente de bondade e cortesia, tendo como pano de fundo uma falsa generosidade.

A origem dessa postura está fundamentada na concordância de sua pré formação, que estabelece um novo comportamento. Quando se identifica essa situação, busca-se fazer disso a estrutura para os próximos passos. Freire afirma que quando da descoberta, nasce daí a esperança e a confiança para enfrentar a dificuldade de “situações limite”, dando início a busca por um movimento onde prevalece o diálogo, com o intuito de reler a ação.

A educação problematizadora, que não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda a condição dos homens como seres históricos e a sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos – como ‘projetos’ – como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. (1983: p. 84)

A educação que se deseja construir parte da necessidade de abordar a compreensão entre os seres humanos como ponto fundamental para um resultado positivo. Necessariamente se inicia pelo diálogo, se desenvolve pela aceitação de cada um, resgata a confiança no outro, recupera a solidariedade, indiferente à classe social a que cada um pertence. Segundo Morin:

Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. (2007: p.93)

Avançar à educação mencionada acima e desmistificar o padrão de aprendizagem atual é dever e responsabilidade daqueles que desejam transformar o futuro da cultura. Diante disso, compreender o outro é tarefa essencial para a recuperação do planeta. Para Morin, existem duas definições de compreensão:

- a) Compreensão planetária – entre os seres humanos;
- b) Compreensão entre os mais próximos – a mais difícil para se atingir.

O axioma “quanto mais próximos estamos, melhor compreendemos” é apenas uma verdade relativa à qual se pode opor o axioma contrário “quanto mais estamos próximos, menos compreendemos”, já que a proximidade pode alimentar mal-entendidos, ciúmes, agressividades, mesmo nos meios aparentemente mais evoluídos intelectualmente. (2007: p. 94)

Nos dizeres do fundador da Igreja Messiânica Mundial, Meishu-Sama, sobre a educação que tem como finalidade transformar o futuro, é necessário que haja a transformação no comportamento do ser humano. Diante disso, haverá novas perspectivas e esperança para esse futuro transformado e melhor. Seguramente o

compromisso com o outro, fará deste homem um elemento útil à sociedade e a humanidade. Nos dizeres de Meishu-Sama:

Se o homem não tiver receio de cometer más ações, se não sentir vergonha de praticar atos impuros, nem pena de fazer os outros sofrerem esse homem já perdeu o valor como ser humano. Por mais que fale de teorias excelentes e se orgulhe de ter instrução, somente isso não lhe confere valor como ser humano. (...) Qual será o motivo de ocorrências tão aflitivas? Indubitavelmente, elas são consequências da educação materialista de que tanto falamos. Por isso, é muito fácil exterminar totalmente o mal social: basta destruir o pensamento materialista. Mais nada. Mas, de que maneira? Obviamente, através da educação espiritualista, isto é, do reconhecimento da existência de Deus, do Espírito, somente por meio de princípios religiosos, sermões e preces. (2001: p. 238)

A história no passado foi construída de impossibilidades no hoje e possibilidades no amanhã. A intervenção da religião que educa o homem com base na cidadania pode vir a contribuir muito com a formação do sujeito. Vemos isso também nos dizeres de Edgar Morin: “A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão. Um cidadão. Um cidadão é definido em uma democracia por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria”. (2007: p.65)

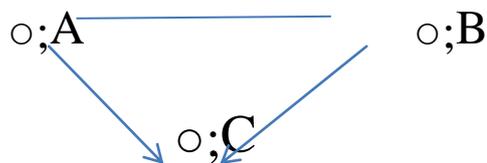
Por conseguinte, um cidadão como tem direitos e deveres, encontra na solidariedade a possibilidade de dialogar, a partir da existência do outro. E, nos explica Paulo Freire: “Nossa subjetividade é formada no mergulho neste mundo, intervimos nele e na formação de outros sujeitos e somos influenciados pela realidade e por outros sujeitos. Nossa singularidade é construída a partir dos outros e do mundo”. (2001: p. 86)

Quando Morin menciona os sintomas que podem surgir a partir da aproximação, e que eles podem ser de caráter negativo, citamos René Girard, quando trata da triangularidade do desejo. Para ele, o desejo nasce do desejo do objeto de outro e não do objeto por si só. A isso, ele chama de “mimesis da apropriação”.

De imediato, porém, vale esclarecer o conceito de *mimesis de apropriação*. Uma vez que os comportamentos sociais são mimeticamente transmitidos e como aprendemos a desejar o mesmo objeto desejado por alguém que tomamos como modelo, ao “imitarmos” o seu desejo, criamos uma área potencial de conflito, já que estaremos envolvidos na disputa do *mesmo* objeto: então, o modelo se transforma em rival. As crises miméticas são destrutivas porque envolvem toda uma comunidade e não apenas indivíduos isolados. (s/d, p. 16)

A deseja o C porque B também deseja o C. É muito interessante porque como ele diz não se deseja o objeto por ele, mas porque o outro o deseja. Em função disso nasce uma concorrência, a inveja e, por conseguinte a violência. O objeto se supervaloriza porque o outro o deseja, chamado de “desejo mimético”.

Ou seja:



Girard afirma:

Segundo a teoria mimética, não desejamos a algo ou a alguém porque somos diretamente seduzidos pelo objeto. Muito ao contrário, desejamos esse objeto porque ele já é desejado ou possuído por alguém que temos como modelo: não somos capazes de desejar por nós mesmos, mas precisamos que uma terceira pessoa indique o objeto que desejaremos. Claro, trata-se de uma relação na maior parte das vezes inconsciente. Tal triângulo esclarece que as relações humanas são mediadas pela presença constitutiva de um “outro”, para além da crença ingênua do contato direto entre sujeito e objeto. (s/d, p.12/13)

Como o objeto só pode pertencer a um, nasce no outro a imagem do rival, tido como o possuidor. Esta situação torna-se recíproca e ele chama de “double bind”. Na continuidade, a situação se firma de um modo quase absoluto e o centro da violência passa a ser o próprio objeto. A isso Girard chama de “crise mimética”: ambos, A e B, desejam o desejo do outro, o que faz com que o objeto se torne importante.

A respeito da inveja, Francisco Faus, em seu livro do mesmo nome conceitua da seguinte maneira esse sentimento: “A inveja é essa tristeza diante do bem alheio que dá origem à maledicência, à competitividade obcecada, à busca desenfreada do prestígio a qualquer custo”. Sobre isso, ele afirma:

Já há um século antes de Cristo, o poeta Horácio, na sua primeira sátira, dedicada ao seu protetor Mecenas, dizia: “Por que, Mecenas, não há ninguém que esteja contente com sua sorte, quer a tenha conquistado por seus méritos, quer lhe tenha vindo fortuitamente, e julga felizes os que têm vida diferente ? ... Raramente acharemos um homem que diga ter vivido feliz e que, ao terminar o tempo de vida, parta satisfeito *ut conviva satur*, como um convidado saciado. (2000, p. 21)

Compreende-se como o que parece ser uma forma de apego, segundo a leitura do religioso Meishu-Sama, quando diz:

Do ponto de vista espiritual, a aflição pode ser considerada como uma forma especial de apego, ainda que poucos possam entender assim, pois quase todos estão aprisionados ao hábito da aflição. Quando falamos em apego, também devemos pensar na cobiça, no desenfreado desejo de posse, na luxúria, na fama, etc. Outros tipos de apego desordenado são: a inveja, o ódio, a vingança e outros sentimentos destrutivos que se lhe assemelham. (2002: pp.59/60)

Para o autor, o sofrimento se manifesta principalmente, a partir de duas características inerentes ao ser humano: o egoísmo e o apego. Segundo ele, estes traços irmãos destroem o lado mais claro do ser, que é o que o faz humano: o amor ao próximo. Fundamentalmente, o comportamento egoísta e o apego transformam o

homem em seres desconectados do Universo, levando-os a se afastarem da Verdade, motivo de sua criação, qual seja, seres criados à semelhança e à imagem do Criador para serem úteis à humanidade.

Com isso se desumanizaram, e Paulo Freire afirma:

A desumanização que não se verifica apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam é distorção da vocação, do SER MAIS. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é porém *destino dado*, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, *o ser menos*. (1970. p. 30)

Ao se auto compreender como ser humano, portanto pensante, um ser de práxis, presumivelmente auto sustentável, o homem se entendeu auto suficiente, capaz de se auto gerir, surgindo um equívoco enorme estrutural na sua forma de compreender o mundo. Ao estabelecer esse critério, pensou poder sobreviver sem as demais forças na Natureza, julgando manipulá-las e dominá-las, criando o caos contemporâneo. A essa forma de pensar, Freire entende ser a educação bancária, a principal responsável por esse comportamento no pensar. Ao contrário disso, ele afirma que a partir da educação problematizadora, tem-se que:

Por isto mesmo, é que os (homens) reconhece como seres que *estão sendo*, como seres inacabados, inconclusos, *em e com* uma realidade, que sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um quefazer permanente. Permanente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade. (ib. p. 83)

Ao olhar do autor Jung Mo Sung:

O ser humano se descobre como ser finito e contingente porque possui em si a infinitude, ou a capacidade de pensar e desejar a liberdade e o amor infinitos. Porém, essa infinitude se dá em um ser corporal com desejos conflitantes e contraditórios com seus outros desejos e os desejos de outras pessoas. Além disso, esses desejos de liberdade amor precisam de mediações institucionais. Por tudo isso, o ser humano se descobre finito. A consciência da finitude não está em todos os seres finitos, mas somente no ser humano, exatamente por causa dessa infinitude nele. Como diz Franz Hinkelammert, “um ser que é somente finito não pode descobrir sua finitude. Saber da finitude, por isso,

revela o fato de que se trata de um ser infinito que atua em condições de finitude”. (2010: p.159/160)

Para Sung, o despertar do homem para ser humano, se prende ao conflito existencial que o faz se perceber finito ou não, como afirma: “Nós nos descobrimos humanos nessa tensão entre o desejo e abertura ao amor infinito e a condição de finitude do nosso corpo individual e na tensão entre o desejo de viver o reinado de Deus e a necessidade das instituições para a nossa vida social, a finitude do “corpo social”. (ib: p. 162)

Diante de tal conflito, o homem notadamente se questiona constantemente, e como diz Meishu-Sama:

Em contraste com o Amor Universal Divino, o amor do homem é limitado e, por vezes, decididamente nocivo” (2002: p. 94) [...] “Frequentemente, os indivíduos buscam apenas o próprio progresso e felicidade. Por mais elevadas que sejam as suas aspirações, essas atitude indica um indevido amor-proprio e não pode ser muito abençoada por Deus. O verdadeiro objetivo religioso inclui todos os homens. Quando nos esquecemos de nós mesmos e atentamos para as necessidades dos outros, vivemos verdadeiramente a nossa fé. Essa é a nossa salvação, pois não podemos ser realmente felizes quando há outras pessoas sofrendo (ib: p. 95) [...] “Amar e ajudar um companheiro constitui verdadeira religião e verdadeiro amor à vida” (ibidem: p. 96)

Em um outro olhar, poderíamos comparar os fenômenos que, individual ou coletivamente, modificam o comportamento do homem, quando Erich Fromm fala sobre necrofilia e biofilia. Em suas palavras, necrofilia pode ser compreendida como “amor ao que é morto” (p. 435), a dependência ao passado e à propriedade. Como ele diz: “Em resumo, *as coisas governam os homens; o haver comanda o ser; as coisas mortas governam as coisas vivas*. No pensamento necrófilo – pessoal, filosófico e político – o passado é sagrado, nada que é novo recebe valorização, a mudança drástica é um crime contra a ordem “natural”. (1975: p. 453). E continua:

Começamos pela consideração das características mais simples e mais óbvias do homem industrial contemporâneo: a sufocação de seu interesse focal nas pessoas, na natureza, e nas estruturas vivas, juntamente com a atração crescente pelos artefatos mecânicos, isentos de vida. [...] Por toda parte no mundo industrializado há homens que sentem mais ternura pelos seus automóveis, e têm por eles maior interesse do que pelas suas esposas. (ib: p.457)

Claro estão os sinais que nesse universo contemporâneo “o mundo da vida transformou-se no mundo da ‘não-vida’; as pessoas tornaram-se ‘não- pessoas’, um mundo de mortos.” (ibidem: p. 467). Para Fromm, contrapondo-se à necrofilia:

A biofilia é o amor apaixonado pela vida e por tudo aquilo que é vivo; é a sede de um crescimento complementar, numa pessoa, planta, ideia ou grupo social. A pessoa biófila prefere construir a guardar. Quer ser mais, em vez de ter mais. [...] Vê, antes, o todo que apenas as partes; as estruturas ao invés de os somatários e totais. Deseja moldar e influenciar pelo amor, pela razão e pelo exemplo; não pela força, pelo desmembramento das coisas, pela forma burocrática de administrar as pessoas, como se elas fossem coisas. (p. 486)

Conclusão

Hoje, é notadamente perceptível a transformação do homem contemporâneo. Algo aconteceu às margens do progresso, traduzindo a bilateralidade desse ser, por vezes dignificado, e por outras, animalizado. Nesse espaço, esse homem se caracterizou por dogmas, progrediu, fortaleceu-se, ganhou projeção como “ser pensante”, digno de louvores, e “dominus” do desenvolvimento e progresso. Diante dele, a natureza se curva.

No entanto, aparentes sinais de falência projetam-se em todos os campos de atividade, inclusive no mais importante deles: a natureza. O homem atual afoga-se em uma crise moral, ética, física, consubstanciada em pseudo-verdades, falidas estruturas, prontas para serem desmascaradas e ruírem a qualquer tempo.

Fromm afirma ser a fragmentação entre pensamento, afeto e vontade do caráter alienado do homem cibernético, o principal motivo para este tornar-se um ser necrófilo, conseqüentemente decadente.

Nesse aspecto, Meishu-Sama afirma que todo ser humano possui razão, sentimento e vontade, o que ele chama de “sonen”. Sendo este uma característica humana, que pode inclinar para o bem ou mal, também o necrófilo o possui. O que é necessário é a descoberta de um novo tipo de “sonen” ou a transformação da razão, sentimento e vontade em biofilia. Surgirá assim, o elo principal para resgatar o homem contemporâneo, tornando-o útil à missão para a qual foi criado. E afirma ser a educação, o instrumento que tornará possível a recuperação de tal homem, tornando o ser, humano.

Bibliografia

ASSMANN, H. & SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária. Educar para esperança*. Petrópolis: Vozes, 2000.

- *Deus em nós: o reinado que acontece no amor solidário aos pobres*. Paulus, São Paulo, 2010.

ASSMANN, Hugo. *Metáforas novas para reencantar a educação*. Piracicaba: Unimep. 2ª. ed., 1998.

_____. *Reencantar a educação. Rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes, 1998.

COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998.

DELORS, Jacques et Alli. *Educação: um tesouro a descobrir*. 3ª. ed., São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1999.

FAUS, Francisco. *A inveja*. São Paulo: Quadrante, 2000.

F.M.O. *Os novos tempos*, São Paulo: FMO, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 11ª. Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FROMM, Erich. *Anatomia da destrutividade humana*. R. Janeiro: Zahar, 1975.

GRAY, John. *Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais*. 2ª. Ed., Rio de Janeiro: Record, 2006.

HANNOUN, Hubert. *Educação: certezas e apostas*. São Paulo: Unesp, 1998.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. *Os setes saberes necessários à educação do futuro..* São Paulo: Cortez; Brasília:Unesco, 2000.

SEGUNDO, Juan Luis. *O dogma que liberta*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SEGUNDO, Juan Luis. *Que mundo? que homem? que Deus?: aproximações entre ciência, filosofia e teologia*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1995.

SUNG, Jung Mo. *Educar para reencantar a vida*. Petrópolis: Vozes, 2007.

Recebido para publicação em 17-03-12; aceito em 18-04-12